



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**EDSON AMARO ARRUDA DOS SANTOS**

**(entrevista)**

**Petrolina, PE**

**2022**

**GEEPRACOR–CEFIS–UNIVASF**

## FICHA TÉCNICA



**Legenda:** Fotografia produzida no dia da entrevista. Da esquerda para direita: Edson Amaro Arruda dos Santos, e Hallends Jonhson Almeida Gardel.

**Projeto:** Práticas Corporais e História Oral no Semiarido e Subprojeto Associação Petrolinense de Atletismo um Breve Histórico.

**Número da entrevista:** E-976

**Nome do entrevistado:** Edson Amaro Arruda dos Santos

**Local da entrevista:** Colegiado de Educação Física da Univasf – CEFIS

**Entrevistador:** Hallends Jonhson Almeida Gardel

**Data da entrevista:** 28/05/2022

**Transcrição:** Hallends Jonhson Almeida Gardel

**Copidesque:** Hallends Jonhson Almeida Gardel

**Pesquisa de termos:** Hallends Jonhson Almeida Gardel

**Total de gravação:** 01 hora, 17 minutos e 34 segundos.

**Páginas Digitadas:** 24

### **Observações:**

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SANTOS, Edson Amaro Arruda dos. Entrevista concedida por Edson Amaro Arruda dos Santos ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Hallends Jonhson Almeida Gardel. UNIVASF, PETROLINA (PE), 28 mai. 2022, 28 p.

## SUMÁRIO

Apresentação do entrevistado; História com o esporte; Fundação da APA Petrolina; Contexto do esporte na região do Vale do São Francisco; Apoios, desafios e dificuldades para a fundação da APA; Primeira composição da diretoria da APA; Locais dos primeiros treinos; Primeiros colaboradores e parceiros da APA; Primeiros atletas da APA; Primeiras conquistas da APA, como instituição, e dos seus atletas; Principais mudanças na APA desde sua criação até os dias atuais; Atletas mais vitoriosos da APA; Histórias marcantes de atletas; Relação do entrevistado com o atletas Justino Pedro; Posição da APA no cenário nacional paraolímpico; Rotinas de treinamento; Treinadores atuais e suas modalidades; Maiores apoios e dificuldades da APA atualmente; Edson Amaro na seleção brasileira; O que a APA representa para o entrevistado e qual a contribuição para a sua vida pessoal e profissional; Considerações finais.

Petrolina (PE), 28 de maio de 2022. Entrevista com Edson Amaro Arruda dos Santos (E.S.) a cargo do pesquisador Hallends Jonhson Almeida Gardel (H.G.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

H.G. – Bom dia, estamos aqui com Edson Amaro. Nosso atleta e membro da Diretoria da APA<sup>1</sup> Petrolina. Gostaria de agradecer, aqui, Edson Amaro, a sua presença e a satisfação de recebê-lo aqui para contribuir com nosso trabalho, nossa pesquisa, em relação ao surgimento, à fundação, à evolução e à história da APA como a instituição que promove uma interferência muito positiva em todo o raio da região do Vale do São Francisco e cidades vizinha, transforma vidas através do Esporte e que é referência nacional no cenário do atletismo brasileiro Nacional e até Mundial. Nosso amigo aqui, Edson Amaro, tá recém chegado de uma competição, lá na Espanha, para a gente ter uma ideia do espaço que a APA vem conquistando a cada dia. Obrigado pela presença, Edson, você poderia se apresentar, por favor.

E.S. – Bom dia, pessoal, é uma honra está aqui, podendo colaborar com vocês da melhor forma possível, estou à disposição. Bom, meu nome é Edson Amaro Arruda dos Santos. Sou natural de Juazeiro da Bahia, nasci no dia 25 de novembro de 1984. Sou o primeiro filho, neto do meu avô e de minha avó, que aqui me registraram como filhos deles. Então, o meu avô e a minha avó passaram a ser a minha mãe e o meu pai e meu avô e minha avó.

H.G. – Edson, qual a sua história com o esporte e quando o esporte surgiu para você? De que forma você ver o esporte na sua vida?

E.S. – Bom, assim que eu completei quatro anos de idade o meu avô faleceu e aí eu fui para São Paulo, e em São Paulo tinha uma rivalidade dos meus tios. Porque todo final de semana tinha um... Minha tia tinha um bar e tinha um sabão lá, e aí juntavam-se os torcedores do São Paulo, do Corinthians, do Santos, do Palmeiras e do São Caetano. E aí ficava aquela rivalidade sadia entre eles. E aí me despertou o intuito de jogar bola para tá lá e todo final de semana as pessoas jogando bola e *comecei a jogar bola, comecei a jogar*

---

<sup>1</sup> Associação Petrolinense de Atletismo.

*bola*, e aí eu fui para escolinha, lá no meu bairro onde eu morava, lá na zona leste, na Cidade Tiradentes. E aí um cara me viu jogando bola e me levou para integrar o clube da Portuguesa, naquele tempo a portuguesa ainda estava na Série A. E eu fui para lá e lá eu tive o prazer de tomar o gosto do esporte. Assim, então o meu foco era sempre *ser jogador de futebol, ser jogador de futebol*. E aí quando eu vim para Juazeiro passei por alguns clubes, alguns times de Várzea de Juazeiro, e quando foi no final de 2002 foi quando eu conheci Marciano<sup>2</sup>, foi aonde começou toda essa história de me tirar de futebol e me jogar dentro do atletismo. A minha professora Edileuza<sup>3</sup> e professora Graça<sup>4</sup> que sempre deram força para mim, elas também foram e são peças fundamentais para onde estou hoje. Porque tudo começou na escola, tudo começou na escola. Aquele menino louco, doido que só vivia correndo em volta da praça, e em um simples dia, em uma simples conversa, numa dinâmica, Marciano perguntou para mim se eu confiava nele e eu disse que confiava. E ele disse que eu iria me tornar um dos melhores atletas do Nordeste, passar dois/três anos eu já não era mais um dos melhores do Nordeste, e sim do Brasil. Então a gente já começou a dar um passo muito além do que a gente esperava e a gente continua esse trabalho até agora.

H.G. – Você é natural de Juazeiro?

E.S. – Sim, de Juazeiro da Bahia.

H.G. – No seu início no esporte você teve em São Paulo?

E.S. – Foi. Quando eu vim de São Paulo, eu vim para cá com dezessete anos. Porque eu vim para me alistar, mas fui dispensado por excesso de contingência. E aí foi onde eu comecei a estudar. E aí... Eu estudava numa escola no Ipiranga, chamada Jutai Magalhães e um amigo meu, que é como se fosse irmão, estudava na escola Pedro Rego, que era no mesmo bairro. E aí no Pedro Rego tinha o atletismo e ele me disse, olha, vamos lá para o Pedro Rego. E a diretora ainda não queria liberar a minha matrícula, para mim poder estudar na outra escola e aí depois de muito pejejo, que ela veio liberar a minha matrícula

---

<sup>2</sup> Marciano Pereira Barros.

<sup>3</sup> Francisca Edileuza de Alencar Carvalho.

<sup>4</sup> Nome sujeito à confirmar

para mim arrumar uma declaração para poder levar para a outra escola para mim poder estudar lá, e aí foi onde tudo começou. Esse rapaz, ele é como se fosse um irmão para mim, ele se chama Adailton Miranda Dos Santos. Sabe, *ele é como se fosse um irmão*, tudo que aconteceu e que acontece também, ele é peça fundamental onde eu estou hoje, porque foi ele que me tirou, ele que me mostrou o atletismo, como era. E Marciano foi aquela peça que foi lapidando, lapidando..., até chegar onde eu cheguei hoje, onde eu estou hoje.

H.G. – Então você nasceu em Juazeiro, passou uma temporada em São Paulo e quando você retornou para Juazeiro?

E.S. – Aí foi quando eu conheci o atletismo e quando eu comecei, sabe.

H.G. – E você começou a praticar esportes a partir de que idade?

E.S. – Desde os quatro anos de idade. Quando eu sair daqui de Juazeiro, eu já cheguei lá e só vivia jogando bola, eu não parava um minuto dentro de casa, sabe. Eu não passava um minuto. E eu estudava tão de um jeito que eu entrava onze horas na escola e só saía seis da noite.

H.G. – Gostava da escola?

E.S. – *Oxe*, tu é doido?! Era a melhor escola! Nem as faculdades, a melhor escola que eu já estudei se chama Vladimir Erzog. Sabe quem é Vladimir?

H.G. – Sei. É da época da ditadura!

E.S. – Isso, foi um jornalista. Pronto, depois que eu fiquei sabendo. Eu era doido para saber essa história aí, e ninguém nunca me contou. Aí depois por uma curiosidade, estudando no ensino médio, a professora de história começou a me contar a história dele. Era a professora contando a história e minhas lágrimas descendo. Aí eu disse, pois professora eu estudei numa escola que leva o nome dele.

H.G. – Aonde ficava essa escola?

E.S. – Ficava lá na zona leste, na cidade de Tiradentes

H.G. – Edson você tá desde o início da APA, como você mesmo relatou que em 2002 conheceu Marciano. E a APA já existia como um “embrião”, veio ser registrada em 2003, vindo a ter CNPJ. Então, assim, nessa época para você, a gente já falou aqui em 2003. Por que que a APA foi fundada? Você sabe assim dizer, você lembra?

E.S. – Sei. A APA foi fundada com o intuito da gente tentar se organizar, porque nós ainda temos uma política muito filantrópica. E nós queríamos se legalizar para procurarmos recursos para termos uma equipe de brigar de igual para igual com as outras equipes, e nós sabíamos que ali só era um comecinho do que nós íamos enfrentar. E passou um longo tempo nós fomos buscando informações e pegando parcerias, buscando informações de como direcionar a instituição, como funciona uma instituição; quais os perigos; o que a instituição pode promover na sociedade; na classe social; o que uma instituição pode movimentar no bairro; na cidade. Então a gente foi juntando isso tudo para que hoje nós chegamos onde nós chegamos hoje. E eu acho que a gente ainda tá pelo começo, porque a gente ainda tem muito ainda que evoluir daqui para frente, sabe. Nós temos um segmento olímpico muito bom, o paraolímpico não tenho nem o que falar, o segmento paraolímpico da gente pôr sinal é um dos melhores do Brasil. E a gente vem tentando, sabe. E eu fico admirado é com o que a gente proporcionar para as pessoas: a qualidade de vida; o bem-estar; a educação; o comportamento, sabe. Eu fico assim admirado, que hoje como atleta, eu sou orgulhoso das coisas que a gente pode presenciar, é aquela sementinha que a gente plantou lá no começo, hoje a gente tá colhendo os frutos, porque eu tenho um amigo que começou junto comigo que hoje é sargento da Aeronáutica; eu tenho um amigo que é policial militar; eu tenho um amigo que trabalha na área de saúde. Tem um amigo meu que por sinal tentou fazer medicina e passou, sabe. Tudo isso através do esporte, a gente se conheceu ali, e hoje estão aí. O que o esporte proporciona para a gente é de agregar pessoas boas e conhecimento no dia a dia da gente.

H.G. – Você lembra, Edson, qual era o contexto do esporte em Juazeiro, Petrolina e até na região do Vale do São Francisco na época da fundação da APA? como estava o esporte na região?

E.S. – Na realidade, Marciano já fazia um trabalho na escola, lá no Pedro Rego, com a professora Edileuza, ele ia para dar aula e agregava alguns atletas. E lá em Juazeiro tinha um ex-atleta que é o José Carlos Santana, que ele foi medalha de prata nos jogos de Havana em Cuba e nos jogos pan-americanos. E eu por sinal pude conhecer ele pessoalmente, nós trabalhamos juntos, eles montaram uma equipe chamada Unisport dentro de Juazeiro e que agregava vários atletas. Na realidade, Juazeiro tem  *muito atleta bom, tem muito atleta bom*, e o que que falta? Faltam umas políticas públicas para poder pegar essas pessoas e começar a lapidar. Não é só futebol não, a gente tem muita gente no judô; no meio do atletismo; no futsal; no basquete; no vôlei de praia; no futevôlei, que vem crescendo muito; no ciclismo que tá no seguimento olímpico e paraolímpico. Então faltavam algumas políticas para poder explorar mais isso. Isso foi o contexto da APA de ter fundado, porque não ia só agregar Petrolina ia agregar também o pessoal de Juazeiro. E aí quando eu comecei a ensinar, eu estava até comentando com os meninos: olha quando eu participava dos jogos escolares, a escola só participava se ela tivesse todos os atletas em todas as modalidades. A escola era obrigada a fazer isso, se ela quisesse participar dos jogos escolares. Hoje os jogos escolares é um pingado de gente, tanto em Petrolina, como em Juazeiro. Por que? porque falta mais iniciativa para que possa colocar essas pessoas. E aí é o que eu venho dizendo de novo, aí a APA entra, porque a APA faz os projetinhos, a gente tá tendo os meninos do atletismo para poder trazer a garotada de volta para o esporte, entendeu. O cenário de Juazeiro naquela época era muito forte, em Petrolina tinha a equipe de Marciano, mas olha só era a equipe de Marciano de atletismo da escola EJAQUE, que é o Joaquim André, pronto, só era aquele pingadinho; já em Juazeiro nós tínhamos a Escola CODEFAS, a Escola Pedro Rego, a escola Paulo Sexto, a escola ERUM que era lá da Massaroca<sup>5</sup>, que antigamente os jogos escolares era escola pública com escola particular. Assim, Juazeiro sempre teve um passo à frente, só que no senado de atletas, agora para organização, Petrolina sempre foi muito mais organizada. A grande diferença do cenário de Petrolina e Juazeiro é esse, que Juazeiro tem as qualidades, que são os atletas; e Petrolina tem uma organização nas coisas. Então, assim, o que foi que aconteceu? Como sair de Juazeiro, eu saí, mas também eu saí e trouxe quatro a cinco atletas, e ia trazer muito mais para Petrolina, porque Juazeiro não tem a organização que Petrolina tem. Então ficava

---

<sup>5</sup> Distrito do Município de Juazeiro (BA).



melhor para a gente onde tinha mais organização do que ficar jogado em Juazeiro, sem ser visto. Aqui não, aqui eu me sinto em casa, é tanto que quero ressaltar para vocês que eu sou Baiano, mas só que eu nunca defendi meu Estado nos jogos de pista, porque Juazeiro e a Bahia não tem organização nas coisas, já Petrolina tem. Eu sou federado como atleta na minha carteira como atleta profissional de Pernambuco. Desde quando eu comecei minha carreira que eu defendo a bandeira do Pernambuco como atleta. Desde quando eu comecei, por incrível que pareça. Já vai fazer vinte e dois anos, *são vinte e dois anos* defendendo a bandeira do Pernambuco, nunca defendi outra bandeira.

H.G. – Pouca gente sabe disso, né?

E.S. – Pouquíssimas, acho que você tá sendo uma das pessoas. Na realidade, acho que vocês estão sendo os primeiros a saber disso. Sabe Marciano e outro, porque convive comigo, mas vocês estão sendo os primeiros a saber.

H.G. – Está aí a importância desse trabalho, né? De nós mostrarmos a história e todas as situações.

E.S. – É, porque nem todo mundo sabe da realidade e da história, porque muitas vezes tem controversa, um diz uma coisa e outro diz outra. E nada melhor do que a própria pessoa falar a sua história, o que é aquilo ali mesmo, foi isso e isso.

H.G. – Verdade

H.G. – Edson, na época da fundação da APA, você recorda quais foram os principais apoios recebidos, desafios e dificuldades para que a APA fosse fundada?

E.S. – Rapaz, primeiramente, foi a parte jurídica. A gente montar o presidente, o vice-presidente, pessoal da tesouraria, todo mundo reunido ali, aí demorou uns dias, mas a gente começou com Marciano, professora Edileuza, professor Ronilson<sup>6</sup>, José Carlos Santana e outros, sentaram-se e se reunirão e fizeram. Só que aí o que que faltava? Faltava uma

---

<sup>6</sup> Domingos Rodrigues Nascimento.

pessoa para ter essa desenvoltura de ir atrás de recursos, e nós não tínhamos essa pessoa. Então nós voltávamos tudo para a estaca zero de novo, porque nós não tinha mais conhecimento, aí uma pessoa dava uma passagem aqui, outra dava outra ali, outro dizia que ia dar, mas quando chegava no dia não tinha, não tinha como dar. A dificuldade da gente foi isso, é de chegar e a gente não ter. A gente tinha muitos atletas as vezes que tinha condições plena e claras de ganhar uma medalha; de tá no brasileiro; de tá levando a bandeira de Petrolina; do Pernambuco; e muitas vezes ficava pelo meio do caminho. E aí uma coisa que era para ser um sonho, o sonho era quebrado pelo meio. Então, assim, era triste a situação da gente naquela época, mas passar do tempo a gente foi se organizando, procurando informação, foi se adequando, procurando se qualificar mais, até chegar onde a gente chegou hoje.

H.G. – Você lembra qual a composição da APA quando fundou, a primeira composição da diretoria da APA Petrolina?

E.S. – Rapaz, eu acho, eu acho não! Foi Natanael como presidente, o vice foi Domingos, eu fiquei como tesoureiro. Tinha mais quatro: Florêncio<sup>7</sup>; Simone<sup>8</sup> e Daiane<sup>9</sup>; Nanilza<sup>10</sup> como a tesoureira também; e tinha Marciano. Agora não sei qual era o papel de Marciano na diretoria.

H.G. – Quais os locais onde se deram os primeiros treinos da APA?

E.S. – Rapaz, começou num Campo no José e Maria, depois nós passamos para o Parque Municipal. E aí o Parque Municipal era a sede, o local principal. *Anos e anos e anos*, eu me lembro muito bem que eu não tinha bicicleta e eu passei nove anos da minha vida saindo correndo lá da Malhada da Areia, lá de Juazeiro, vinha para cá, para o Parque Municipal, treinava e voltava correndo. *Nove anos!*

H.G. – E logo após o Josefa Coelho?

---

<sup>7</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>9</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>10</sup> Nanilza Santos (Nanny).

E.S. – Depois do Josefa Coelho, nós passamos para o Sesi, foi aí onde já estava tudo organizado, aí se mandamos para o SESI, nós fechamos uma parceria com o SESI, o SESI cedeu a pista para nós, e nós começamos a trabalhar no SESI, aí foi quando a gente começou a respirar mais, ter mais segurança, que antigamente no Parque Municipal começava certa de oito horas, era de oito horas o treino, já para poder dispensar um pouco da aglomeração de gente, para a gente já poder pegar um pouco mais livre ainda, mas foi isso. A gente saiu do Parque Municipal para o SESI e do SESI a gente tá aí até hoje.

H.G. – Diminuiu um pouco as dificuldades no SESI porque era o local oficial?

E.S. – Na realidade é oficial o SESI, porque a gente tem tudo lá, a gente tem um almoxarifado, tem banheiro, tem a sala para guardar os materiais, tem tudo lá. E a gente acerta tudo lá, assim de Treinamento.

H.G. – Você pode dizer quais eram as dificuldades de treinar no Josefa Coelho por não ser um local exclusivo para vocês?

E.S. – Na realidade, a grande dificuldade da gente é porque é um parque público, todo mundo utiliza. E o que a gente ficava mais triste é que não tinha banheiro para a gente tomar banho, quando tinha festa na segunda-feira a gente nem conseguia treinar direito por causa da sujeira. No caso da degradação dos banheiros e às vezes as pessoas viam nós como uns vagabundos ali dentro do parque municipal mesmo. Achavam que nós eramos todos vagabundos, eles não conheciam a gente. Tinha pessoas que até que falava mal da gente, chamavam a gente de doido e idiota. Era as coisas que a gente escutava direto das pessoas. A nossa dificuldade era essa: a falta de conhecimento das pessoas, ali dentro de um parque público e a falta de conhecimento das pessoas. E depois de ter passado um tempo, a gente começou a ter resultado, começou a sair na mídia e aí as pessoas começaram a ver a gente com outros olhos, mas *ainda hoje, ainda hoje*, ainda tem gente que acha que nós somos vagabundo [riso].

H.G. – Quem não tem conhecimento do Esporte, quem não sabe o que é o esporte, né?

E.S. – Sim. E tem gente que tá vendo a gente lá trabalhando, atrapalha a gente e ainda disse que tá certo.

H.G. – O volume de pessoas lá também atrapalhava, né?

E.S. – Sim, porque o volume de pessoas, tipo... Uma coisa que eu aprendi foi a respeitar. E aí eu pedia para as pessoas, aí como é uma via pública, uma mão indo e outra vindo, as pessoas caminhavam uma do lado da outra tomando o espaço da pista todinha, ninguém passava e ninguém vinha. E a gente ia pedir as vezes com educação e as pessoas vinham com a maior ignorância com a gente. E a gente tinha que respirar e manter a postura, contar até 10, “não senhor é assim, assim, assim, assim, assim”. E depois passado um tempo a gente foi fazendo matéria, as pessoas foram conhecendo mais, e agora tá, sabe.

H.G. – Isso atrapalhava muito o treino?

E.S. – Atrapalhava. Tinha vez que Marciano tinha que segurar lá, nós lá um pouco. Para poder ver se tinha muita gente para poder liberar a gente, para a gente poder fazer o estilo da gente, o trabalho intervalado da gente, mas tirando isso, depois que a gente foi para o SESI, tudo mudou.

H.G. – Você lembra quais foram os primeiros colaboradores e parceiros da APA? Aquelas pessoas que chegaram junto, ofereceram apoio, ajudaram a melhorar as coisas no início?

E.S. – Rapaz, *no início, no início...* Quem chegou para ajudar... Rapaz, eu não me lembro muito bem não, mas eu sei que uma das pessoas que chegou para ajudar se eu não me engano, eu acho de verdade assim, eu acho que que foi a Ara Agrícola. Eu acho que foi uma das primeiras que chegou.

H.G. – Foi o primeiro parceiro?

E.S. – Sim. Que chegou assim e disse que ia ajudar a gente de alguma forma, que queria ajudar, e até hoje é parceiro da gente.

H.G. – E assim, sem ser financeiramente, no início, até o próprio Sesi, né. Cedeu o espaço, além do SESI com essa sessão do espaço, lembra de mais alguém que cedeu um local? Cedeu um veículo? Cedeu algo nesse período?

E.S. – Não. Não me recordo!

H.G. – Você se recorda quais foram os primeiros atletas ou alunos da APA?

E.S. – Sei. Foi André Luiz<sup>11</sup>, que era um excelente atleta, que foi vice-campeão no Campeonato Brasileiro 2000 metros, e depois veio Alex<sup>12</sup>, depois veio Wesley Martins, aí teve eu, aí teve Fernanda Iara, teve Tatiane<sup>13</sup> que era Machadora, teve Jaiane Elen, teve dois Adrianos: Adriano<sup>14</sup> do Rio Grande do Norte e o outro era de Juazeiro do Norte. A equipe era formada com esses daí. No início eram poucos, mas poucos de qualidade, sabe. Não tinha muita aglomeração de atletas, agora que começou a ter mesmo atletas das cidades vizinhas para integrar a instituição, mas antes era esses atletas que deram o pontapé inicial na APA, na Instituição.

H.G. – Eu vou entrar agora em conquistas, vamos falar mais de atletas. Você hoje é da diretoria, mas sempre foi atleta da APA. Então nessas perguntas você pode se incluir perfeitamente, viu? fique à vontade! Você lembra quais foram as primeiras conquistas da APA como instituição e dos seus atletas, no início?

E.S. – Foi quando foram para o paraolímpico, foi vice-campeã nos jogos paraolímpicos em São Paulo, que deixou as equipes grandes que tinha um orçamento cinco vezes maior do que a instituição APA. E aí a APA conseguiu ser vice campeã, porque era SESI São Paulo, era uns clubes fortes de São Paulo; de Rio Grande do Sul; do Rio de Janeiro; e a APA chegou lá só que os atletas nordestinos e desbancou.

H.G. – Você lembra o ano?

---

<sup>11</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>13</sup> Tatiane Santos.

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

E.S. – Não me lembro o ano não, mas faz um tempinho já.

H.G. – Foi bem no início?

E.S. – Foi. *Foi bem no início, foi bem no início* que a gente começou com o segmento paraolímpico. Quando a gente começou com o olímpico, a gente começou com os paraolímpicos, e logo quando a gente começou passou um ano, no terceiro ano a gente ganhou. Foi vice-campeão, teve até uma repercussão nacional, numa instituição *tão pequena*, mas com os atletas tudo focado no que tinha a agregar dentro da pista.

H.G. – Era na vontade mesmo?

E.S. – Era na vontade e na garra!

H.G. – Quais as principais mudanças da APA Petrolina de sua criação até hoje, o que foi que melhorou, piorou, do início até agora?

E.S. – *Mudou muita coisa*, mudou de 100% para 3000%, porque hoje... Nós não tínhamos como viajar antigamente e hoje se tiver uma competição o presidente e o vice e todo mundo já tá ciente das competições, tanto do segmento olímpico quanto do paraolímpico. Nós temos a autonomia de viajar! Você vai viajar tal dia, pode arrumar suas coisas que você vai viajar. Vocês vão ficar em tal Hotel e alimentação em tal lugar. Antigamente nós não tínhamos isso, entendeu. Viagem internacional todo mundo queria viajar, ter uma viagem internacional, a gente nunca tinha, porque não tinha condições financeira. Hoje se a gente botar um planejamento com Marciano, que é o técnico, daqui a seis meses têm uma maratona na Europa, vamos trabalhar? Vamos! E como é que nós vamos? já estou vendo aqui para ver como é que é a instituição vai começar a ver o local da prova para a gente comprar as passagens e ver o hotel, para gente ficar alimentação como é que vai ficar? Agora a gente já viaja tranquilamente. Material esportivo? Uniforme, agasalho, short de correr, short térmico, camisa, camisa regata, tudo isso nós não tínhamos, hoje nós temos. Eu tenho orgulho de dizer que hoje eu faço parte de uma equipe, coisa que eu não tinha antigamente de dizer. Hoje em dia... eu me lembro quando eu fui para o troféu Brasil no

meu primeiro ano em 2009, eu vi os caras com a equipe lá, todo mundo informatizado, de tênis bom, todo padronizado, todas as equipes padronizadas, sapatilha, os médicos acompanhando, os fisioterapeutas tudo lá perto, um doutor apanhando a delegação da equipe. Hoje a gente tem um médico; tem um fisioterapeuta; tem um psicólogo; tem um nutricionista. Hoje a gente abre a boca para dizer que somos uma equipe, orgulho da gente é esse hoje como atleta de dizer que hoje nós somos uma equipe, eu sou da APA! E mais uma coisa, a APA criou... tem uma marca tão forte, que quando a gente entra dentro das competições, o cara não procura dizer assim: “Eita é éxi, não. Eita, o pessoal da APA chegou, entendeu”. Então eles já sentem o peso. Nós... não foi só Edson Amaro, Justino Pedro e Fernanda Iara que fizeram isso. Foi o conjunto todo que agregou essa fama de onde nós botarmos os pés, o pessoal dizer assim: “eita o pessoal chegou”. Não é só dizer: “eita, é Justino, eita, é Edson, não!”. Eita, o pessoal da APA tá aí, porque já sabe que vai vim *casca grossa* para o lado deles, então a gente fica orgulhoso com isso.

H.G. – E esse respeito, esse reconhecimento onde vocês chegam e esse crescimento da APA como você citou aí que passou de 100 para 3000%, você acha que foi devido a que? Você atribui a que esse grande crescimento da Associação Petrolinense de Atletismo?

E.S. – Rapaz, tem uma peça fundamental na constituição, que é o Natanael, né. Porque ele é o cabeça, ele que faz todos os transmite, de projetos e essas coisas. É ele que faz as coisas acontecerem por detrás dos bastidores, que não é fácil. E às vezes a pessoa é professor; tem uma instituição para tomar de conta; tem projeto para fazer; tem que estar atento nas coisas. Então, assim só carrega uma pessoa só em cima de uma pessoa só. E as pessoas... ele fica por de trás dos bastidores, mas ele fica ali prestando atenção, conversando e é isso que faz alavancar a instituição, que às vezes o atleta, eu tiro por mim, falando como atleta, às vezes a gente tá tão focado ali na pista, só nas competições, que a gente esquece. Eu mesmo esqueço às vezes da diretoria, porque se eu juntar uma coisa com a outra, eu não consigo dar andamento em um e nem no outro, entendeu. Professor Domingos é peça fundamental, porque Domingos é o presidente, hoje ele é o presidente, mas antes quando a ele estava com o professor, ele ficava orientando e procurando informações das competições para poder colocar os atletas para ir competindo, no Piauí, no Sergipe, no Recife, na Paraíba, a vai para o Rio Grande do Norte. Tudo isso tem que ter um jogo de cintura, porque se não tiver um Jogo de Cintura as coisas acontecem.

Edson Arruda Amaro dos Santos

Principalmente, Natanael, porque às vezes ele fica tão focado em fazer projeto, essas coisas e outras coisas, que acaba esquecendo da pista, porque ele tem que esquecer, porque que senão não dá andamento.

H.G. – Então um fator importante foi a organização?

E.S. – A organização que a gente tem hoje e esse controle de quanto tem em caixa para poder gastar, falar para a gente tem tal viagem para viajar, tem quantos para ir. É essa organização que tem que ter e ele que tem o controle de tudo, então ele é peça fundamental dentro da instituição.

H.G. – Edson Amaro, quantos atletas, entre atletas e alunos a APA possui atualmente? A gente sabe que é um número flutuante, entra associados e sai associado, mas assim, você tem uma média estimativa?

E.S. – Rapaz eu falo por Marciano e eu acho que tem mais de 600 atletas a instituição.

H.G. – E na sua visão, quais foram as principais conquistas da APA em termo de instituição, em termo de atletas, podendo você se incluir também se for o caso. Entre atletas, instituição, como um todo. O grupo e resultados isolados?

E.S. – O grande fator foi a gente ter ganhado o selo de instituição de decoração com a sociedade de Pernambuco, que esse selo deu oportunidades de a gente se enquadrar na Lei Rei Pelé. Foi um passo fundamental e de grande importância para a gente como instituição. Então, assim, a gente teve reconhecimento da câmara de vereadores de Petrolina e por sinal Marciano foi o responsável por tudo isso, foi homenageado. A APA vem tendo Conquistas não é duas ou três vezes a cada 4 ou 5 anos. Todo ano a gente recebe uma homenagem e uma coisa, e sempre a gente vem tentando manter a organização e foco no trabalho da gente. Que a gente às vezes se dispersa um pouco e acaba pecando em um lado ou de outro, e a gente tenta manter esse controle. Por exemplo: hoje a gente vai ter uma sede, que vai ser ali na orla.... Uma equipe, um clube, vai ter uma sede, uma constituição com tudo, o pessoal quer enviar uma correspondência para a instituição APA, pronto, tá aqui o



endereço da APA. Vai chegar lá a correspondência, lá na sede. Então, isso se chama organização e isso é mais um feito que a gente consegue como instituição e como clube.

H.G. – Fortalece a parte técnica, então?

E.S. – Isso. E como fortalece!

H.G. – Quem foram os atletas mais vitoriosos da APA assim, ao seu ver?

E.S. – Rapaz, foram muitos. A primeira de todos foi Fernanda Iara, que foi para as Olimpíadas. O sonho de qualquer atleta é ir para as olimpíadas e ela foi para Pequim. Depois a gente conseguiu feitos: em ser campeão pernambucano, campeão norte–nordeste, sabe? Eu fui campeão pernambucano, fui campeão norte–nordeste. Teve Wesley também que foi vitorioso. Tem o Justino Pedro que foi e está sendo vitorioso. Teve Iago Machado, que Marciano trabalhou com ele duas semanas, na terceira ele bateu o recorde pernambucano, cinco meses depois já estava morando na Rússia, já foi para Rússia, entendeu? Então assim, foram vários atletas que eram da Instituição e fizeram várias conquistas. Eu estou falando aqui de alguns, mas que teve mais atletas que eu não me recordo, sabe? Agregar esse amparado todo, mas que a gente deu... A Fernanda Iara, ela deu um leque muito grande para gente, quando ela foi para as Olimpíadas. O pessoal viu a gente nas coisas de rua e começou a notar a gente com outros olhos e a gente começou a ter resultados.

H.G. – Então a Fernanda Iara foi importante para mostrar os atletas da APA que eles poderiam chegar lá. Serviu como como capitalização para atletas, como uma vitrine?

E.S.– Foi, como uma vitrine. Então assim, a dificuldade vai ter em todo momento, mas você tem que ser aquelas pessoas persistentes para poder superar seus desafios.

H.G. – E isso faz parte do Atletismo, não é?

E.S. – É. Isso faz parte do atletismo: superar seus desafios todos os dias. As pessoas as vezes veem o Edson Amaro na televisão e falam: “Vixe, agora só vive dando entrevistas...”.

Mas é como eu falo: Ninguém sabe. Por trás dos bastidores ninguém sabe o quanto o cara sofre no dia-a-dia.

H.G. – Isso é verdade! Quais foram as histórias de atletas, entre atletas e alunos mais marcantes aqui? As histórias que mais marcaram você, nesse seu tempo de APA?

E.S.– Rapaz, eu vou dizer para vocês, foram várias, viu.

H.G. – Uma que você mais se lembra, que mais te tocou entre várias histórias que você presenciou na APA?

E.S. – Rapaz, teve uma vez que um menino saiu de Remanso para vim para Petrolina, hoje ele é formado em Educação Física. Morou comigo dez anos e quando ele veio para aqui conhecer a gente, ele trabalhou vendendo picolé e fez uma caixinha, não tinha um cofre, pegou uma caixinha de chocolate e começou a botar (moedas) de 10, de 25 centavos para poder vim para Petrolina, para poder conhecer eu, o Marciano, a equipe, para poder se entregar a equipe.

H.G. – E esse atleta continuou os treinos, como foi?

E.S. – Aí ele morou comigo dez anos e quando ele se formou recebeu uma proposta para trabalhar lá na cidade dele, em Remanso e hoje ele trabalha lá tem o clubezinho dele de corrida, presta serviço para a prefeitura, sabe?

H.G. – Ele foi atleta da APA e se transformou em professor, é isso?

E.S. – Foi. Ele foi uma pessoa que eu não tenho nem o que falar, uma pessoa do coração bom, que para ele tudo estava bom. Ele começou a juntar o dinheirinho dele. E teve outro que uma vez veio treinar e não tinha dinheiro da passagem de voltar para casa.

H.G. – De voltar para casa?

E.S.– Teve outro também que veio com fome, aí no outro dia ele voltou, a gente conversando, aí um “Rapaz, fui comer um arroz todo duro, cheio de bolha, eu não gosto”, aí ele virou assim e falou “Oxe, você ainda tem arroz e eu que meu almoço foi dois tomates, ontem meio-dia”.

H.G. – Você sempre ouviu esses relatos aí?

E.S. – Chega o coração partiu, a lágrima descia dos olhos quando eu via a situação, sabe?

H.G. – Tem algum atleta hoje renomado na APA que você se recorda, de alguma situação parecida, que vivenciou obstáculos assim, que marca?

E.S. – Tem, tem. Eu tenho ele não só como amigo, tenho como irmão, e ele também é da mesma forma que eu. Às vezes as pessoas só admiram o meu comportamento, o comportamento dele e a gente tem um carinho muito forte um pelo outro, que é o Justino. Justino era dependente químico, lutei, sai da minha casa já as duas horas da manhã para pegar ele na rodoviária. Ele tem uma filha que se alimenta por uma sonda e um dia ele disse para mim que estava com vergonha de pedir dinheiro que era para comprar uma lata de leite para menina e eu peguei e chamei a atenção dele, falei que ele não precisava está fazendo aquilo, que ele sabia o que tem que fazer, que era treinar. Hoje Justino está sendo uma referência no cenário nacional e eu fico feliz por isso, tenho orgulho muito grande, tenho um carinho enorme por ele, sabe? Brigo com ele, sabe? Às vezes quando ele quer dizer alguma coisa para mim, ele também diz, sabe? Ele passou por uma situação muito desagradável, algumas pessoas criticavam, mas eu e Marciano sempre estava ali para ajudar ele, para orientar ele da melhor forma possível, sabe? E graças ao meu Bom Deus, ele largou esse vício e hoje ele está aí, no cenário nacional e eu fico muito feliz por isso. Você não sabe o quanto orgulho... não tenho nem palavras para dizer hoje dele. Quando eu o vejo hoje só me dá felicidade, quando eu olho para o semblante dele, quando eu vejo ele feliz, quando eu vejo ele conversando, que as vezes ele não conversava, sabe? “Cê é doido”, não tenho nem palavras.

H.G. – Eu acompanho a APA desde antes de pensar em fazer Educação Física. Eu participava de corrida de rua e sempre os atletas da APA, aqui nas corridas já chegavam,

Edson Arruda Amaro dos Santos

chegando, mas só quem via isso era quem estava em corrida de rua e hoje eu sou, depois que eu enxerguei a APA de dentro para fora, estagiei lá, fiz amizades lá na APA, conheci muita gente lá. Tive o prazer de fazer estágios na APA, eu acompanho ainda mais a APA, por isso que eu estou fazendo esse trabalho. E, dentro da APA eu acompanho os principais atletas, né? Como você, como Justino, os atletas paraolímpicos, né? A APA hoje tem o site, um Instagram, tem várias formas, devido a organização e várias formas de divulgação. E eu sempre vejo a sua relação com o Justino, no esporte, como uma relação bem interessante, bem afetuosa, bem harmônica, de incentivo, um incentiva o outro, vocês aparecem sempre abraçados nas fotos, um comemorando o resultado do outro e aí vem a pergunta: Na vida particular e familiar de vocês dois, como é a relação de vocês?

E.S.– Do mesmo jeito, da mesma forma. Ontem mesmo eu já liguei para ele, para falar com ele, na mesma hora ele me respondeu, perguntou como é que eu estava, como ele está, ele procura saber informação de corrida, “Arruda, você sabe de tal corrida, em tal lugar”, aí eu falo “Não sei, não”, “Pois procure saber, porque me disseram que vai ter uma corrida assim, assim, veja aí se vai ter, porque se for para ver se você se organiza, para ver se a gente vai” e eu: “Tá bom”, sabe? A gente conversa, a gente brinca, a gente dar risada junto, a gente não é só ali. Muitas vezes as pessoas pensam que é só ali na frente da câmera, mas não é não, a gente vai para competição, “Arruda, fica comigo no quarto? ”, aí eu “Beleza”, “Justino tu vai ficar mais quem? Então vamos para o meu quarto. Faz assim, bota fulano lá no quarto que eu vou pro quarto mais tu, que a gente uma certa intimidade”. “A gente vai descer para almoçar?”, “Vamos almoçar”. “A gente vai descer pra jantar.”, “Arruda, vamos jantar?”, “Bora, vamos!”. “Arruda, tu vai treinar agora? Tu vai trotar agora? Eu estava querendo trotar agora para ficar logo livre”, “Pronto, bora”.

H.G. –Vocês andam juntos em todas as atividades? São parceiros?

E.S. – Todas as atividades. Pronto, seguinte: “Arruda, já cheguei, amanhã de manhã eu estou no treino”, aí eu “Tá bom. Como foi a viagem?”, sabe? Então assim, as vezes as pessoas pensam que é só ali na frente. Aconteceu uma coisa lá no Rio de Janeiro que as pessoas ficaram admiradas com a união minha e dele: a gente vinha vindo correndo, eu distanciei um pouco, depois ele me acompanhou e fomos juntos, aí ele disse assim: “Arruda, eu tô solto”, aí eu disse: “Ó, faça tua prova que eu tô querendo fadigar”, ele foi

pra frente começou a liderar a prova, só que aí, fazia um retorno lá e ele via quem vinha em segundo, né? E eu quando passava lá via quem vinha em terceiro, quarto e quinto. Quando ele passou tinha dois batedores da Polícia Federal nas motos no Rio de Janeiro e nessa hora ele passou na grade e botou com a mão, aí ele falou: “Umbora Arruda, eu tô com você”, “Eu tô com você também, gago estourado!”, aí bateu na minha mão. Aí quando foi lá no outro retorno, ele falou “Bora Arruda, vamos Arruda!”, e eu “Bora gago, vamos gago! Vamos que eu tô com você, você não está sozinho não”, aí ele dizia “Você também não tá sozinho não, tô com você”. Mas um dando força para o outro, porque a gente treina todo dia junto. É mais de vinte anos juntos, para fazer qualquer tipo de treino, é nós dois juntos. Eu chego atrasado, ele me espera. Quem mais chega atrasado sou eu, que eu moro em Juazeiro e tem esse negócio da ponte toda. Eu chego para fazer o treino, ele me espera. Às vezes ele marca comigo o treino. “Vamos rodar tal hora, mas cedo que a gente tem muito quilometro, a gente vai terminar mais tarde, vai tá desgastante”. Então a gente cria um vínculo de amizade, de afeto, é como se fosse um irmão, só não somos de sangue, mas a consideração, sabe? Então, para um chegar e elogiar o outro, entende? O motoqueiro lá disse: “Rapaz, desde 2001 que eu sou batedor dessas provas, nunca vi uma união tão bonita que nem a de vocês dois”, aí o cara disse bem assim: “Naquela hora que eu te disse que o cara tava encostando”, aí ele disse, e eu não vou esquecer disso mais nunca. “Pode deixar ele encostar, ele é de minha equipe, é como se fosse um irmão”, entendeu? Não existe desunião nessa equipe, entendeu? Existe união, da mesma forma que ele me ajuda, eu ajudo ele, é um ajudando o outro, sabe? É um conversando com o outro sobre prova, sobre os adversários da gente, a gente está sempre conversando, que a gente tem um carinho, tem um amor um com outro, coisas que a gente não ve em outra equipe, entendeu?

H.G. – E você acha que isso faz a diferença na APA? Essa questão de se sentir família, uma mesma instituição, com o mesmo objetivo? Você acha que isso aí ajuda muito?

E.S. – Faz, isso é sensacional, eu acho que em toda equipe! Xô lhe contar uma história: quando eu comecei a correr, eu não participava o bambambã em Juazeiro era o carnaval, eu pegava a minha malinha, minha bolsa de costas, botava minha roupa e meu tênis e saía trotando lá da Malhada da Areia até o José e Maria. É tudo minha lá, eu, Natanael e Marciano para ir treinar. O carnaval todinho o pessoal curtindo, os meninos da minha sala

curtindo, zoando comigo e eu treinando focado, treinando, Natanael ajudando a gente, sabe?

H.G. – Você se refugiava lá na casa de Natanael e Marciano?

E.S. – É, dona Ziza, a mãe de Marciano, dizia direto: “Vixe, vou criar Edson agora”, que eu passava todo final de semana, ia na sexta e voltava na segunda, entendeu?

H.G. – Pensando em treinar?

E.S. – Isso, só treinar. Eu queria só que Marciano me treinasse, só isso.

H.G. – Por isso você chegou onde chegou, não é? Qual é a posição da APA Petrolina no cenário nacional hoje para você?

E.S. – Eu acho que é uma das melhores e uma que a gente ainda não está no topo, ainda! Porque a gente ainda peca em algumas provas de campo, de arremesso e de salto. A gente é mais prova de meio-fundo e fundo, né? E velocidade. Se nós passarmos a ter essa agregação de salto, prova de campo, arremesso de dardo, disco, peso, martelo. Se a gente começar a ter esses atletas, a gente vai se tornar no topo. Que a gente vai começar a se aperfeiçoar, por isso que é fundamental ter mais técnicos dentro da Instituição que trabalhe outras modalidades, porque essas modalidades que já estão em andamento, já estão a todo vapor, entendeu? Mesmo essa estando a todo vapor, a gente tem a consciência de estar sempre renovando, por que? Para a gente se manter sempre entre os melhores. Hoje a gente não está no topo por causa dessa deficiência que a gente está tendo agora, mas que daqui a um ano, a gente vai começar a trabalhar de uma forma mais, visando, a brigar pelo Troféu Brasil, que é a maior competição da América Latina, em pista. Então assim, hoje possa ser que a gente esteja em quarto, terceiro, no cenário nacional.

H.G. – E se tratando de esporte paraolímpico, no caso da APA como instituição que possui atletas no atletismo paraolímpico, você considera...

E.S. – A melhor do Brasil! Porque tem tanto atleta de meio–fundo e fundo e de velocidade, como também tem o pessoal do campo, lançamento de dardo, arremesso de peso, sabe? Tem o pessoal do disco. Então assim, ela se torna uma peça fundamental no cenário brasileiro, você já tira por aí, pela última competição do paraolímpico. Ganhamos o primeiro lugar, o Marciano como o segundo melhor técnico do Brasil no seguimento paraolímpico, a gente não tem mais o que falar.

H.G. – Mostra através de resultados, não é?

E.S. – É isso que estou dizendo, a gente já mostra o resultado no pé da letra.

H.G. – Não sou eu que acho, é o resultado que mostra, não é?

E.S. – É, não sou eu para falar.

H.G. – Hoje na APA como são organizadas as rotinas de treinamento, se modificou ao longo do tempo? Você falou da questão que antigamente era no Parque Josefa Coelho, tinha várias dificuldades que você elencou aqui para gente e depois voltou para o Sesi. Assim você fazendo uma relação do que modificou, como é que está a rotina de treino hoje e o que se modificou do início até os dias atuais?

E.S. – Ó, no início era uma dificuldade para fazer tudo: para fazer volume, para fazer os intervalados... hoje não. A rotina de treino mudou, porque como tem uma área fechada pode exigir mais porque está sem segurança, né? E a carga de treino alta, que aí define quais provas você quer ser alcançada, você e seu técnico e a carga de treino começa a aumentar. Então assim, você começa a aumentar e já começa a perceber que você tem capacidade de ir mais longe até porque onde você trabalha lhe passa a segurança de fazer isso. Diferente do Parque Josefa Coelho, que as vezes a gente trabalhava e queria dar algo mais e não conseguia por causa que tinha medo de alguém entrar no meio, ou alguma bicicleta, uma bola, sabe? Então assim, é esse tipo de situação. Hoje a gente tem mais segurança no que a gente faz.

H.G. – Você acha que mesmo você despontando, tendo excelentes resultados hoje a efetivação daquele sonho de quando a gente começa, de a gente ter uma pista de atletismo aqui a região, está em andamento aí, todo mundo correndo atrás. Você acha que esses resultados podem melhorar com a aquisição desse equipamento tão importante para o atletismo?

E.S.– Sim, sim, sim, sim. É que nem eu disse a você, hoje a gente tem uma pista, pó de brita e tudo, uma pista dessa vindo para o Vale do São Francisco, vai agregar muita coisa. Porque a gente vai ter muito atleta que nunca nem viu uma pista de atletismo, sabe nem como é a pista de atletismo e se essa pista, com fé em Deus vai vim para Petrolina, eu não dou cinco anos para gente ter um atleta brigado em nível internacional, entendeu? É de grande importância ter uma pista de atletismo, pela grande quantidade que hoje ocupa o cenário brasileiro e o cenário internacional. E outra, a única pista que a gente tem aqui que fica mais próxima, fica em Recife, vamos colocar aí 800 quilômetros, é a única pista que tem e tem a da Federal também que fica em Recife. Então uma pista vinda para cá, vai ganhar muita coisa boa para gente, entendeu? A gente vai ter como trabalhar os atletas de forma que eles tenham noção de como é uma pista. Então o parecer dessa pista para nós vai estar também transformando não só em atletas, mas também cidadãos de bem. Vai ter projeto social que a gente quer dar andamento e também para as pessoas assistirem, saber como funciona o atletismo, que muitas vezes as pessoas veem e não sabe o que é, não sabem como começa, não sabem o fundamento de nada. Para isso essa pista está vindo para cá, a gente vai ter como trabalhar de uma forma mais profissional.

H.G. – E hoje como é que está no Sesi ou em outro lugar que APA esteja usando, como estão sendo as rotinas de treino?

E.S. – Nós estamos trabalhando de manhã e de tarde. De manhã com Marciano, Professor Givanildo<sup>15</sup> e tem os estagiários que estão lá: Hugo<sup>16</sup> e a tarde está Domingos<sup>17</sup> e professor Silvano<sup>18</sup> lá pela tarde, né? E a pista não fica parada não, né? Está sempre sendo utilizada.

---

<sup>15</sup> Givanildo Marcos da Silva.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>17</sup> Domingos Rodrigues Nascimento.

<sup>18</sup> Nome sujeito a confirmação.



H.G. – Aí vocês usam a pista o tempo todo. Quem são os treinadores de hoje e suas respectivas modalidades?

E.S. – Tem o professor Dejaci<sup>19</sup>, que treina a parte de decatlo, tem o professor Rodrigo<sup>20</sup> que trabalha salto com vara, tem professor Givanildo que trabalha com o paraolímpico nas provas de velocidade e meio-fundo, Marciano que trabalha com fundo e meio-fundo, professor Domingos que trabalha velocidade e professor Lucivânio<sup>21</sup> que trabalha campo, que é o peso, lançamento de dardo, martelo... e outros técnicos espalhados por aí. Outro dia Marciano falou: “Rapaz, a Instituição tem tanto atleta que eu não conheço nem um terço”, então assim, a gente conhece aqui, pela planilha de treino. Fulano de Tal, está aqui o treino dele, mas eu não o conheço.

H.G. – Hoje, a gente falou lá no início da época de fundação, mas hoje quais são os principais apoios e quais as maiores dificuldades que a APA encontra?

E.S. – Os principais apoios são: Prefeitura Municipal de Petrolina, Ara Agrícola, CONAB, Instituto Olhares, o SESI, Outdoor. A maior dificuldade da gente, é a gente está atento nas licitações, nos projetos. Que é que nem eu falei para você: Natanael ele está por detrás dos bastidores fazendo as coisas, só que as vezes acontece alguma coisa ali, abre um edital, aí ele acha que é uma data, mas é outra, que ele está focado fazendo um projeto e acaba se passando lá. A dificuldade da gente está sendo na agregação de pessoa para trabalharem nesse setor, para trabalhar mais na parte administrativa no planejamento e algumas coisas porque as vezes tem esse impasse técnico de fazer um planejamento e pegar o recurso para poder utilizar e às vezes a prova ser cancelada. Às vezes a gente tem o dinheiro para gastar ali daquele recurso, só que aí chega quinze dias faltando para a prova e ela é cancelada, e aí? Todo mundo na expectativa, os atletas treinando focados e chega e cancela, e aí?

---

<sup>19</sup> Dejaci Pereira.

<sup>20</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>21</sup> Nome sujeito a confirmação.

H.G. – A gente sabe que tem muitos atletas na APA bem ranqueados, que vários recebem bolsas, bolsa-atleta tanto estaduais, quanto nacionais, mas nesse meio aí você consegue extrair quais dos principais atletas das principais provas?

E.S. – Tem do decatlo, Justino do fundo, tem Tiago<sup>22</sup> que é do 3.000 com obstáculo... é o que eu me recordo bem. E tem Evelin<sup>23</sup> que é dos 100 metros, que foi agora para o mundial, são os que eu me lembro até o momento.

H.G. – Quantas vezes o atleta Edson Amaro representou o Brasil na Seleção Brasileira?

E.S. – Com essa daqui foram três vezes, na realidade era para ser quatro, era para ter ido para China, para cidade de Macau. Recebi o convite e nós estávamos viajando, era para responder o e-mail, mas aí como a gente vinha de uma cidade para outra, não tinha como responder porque não tinha internet, e aí colocaram outra pessoa no lugar. Quem foi, foi um amigo meu, aí ele disse “Oxe, tu rejeitou o convite? ”, aí eu disse que não, aí ele “Pois me chamaram”, aí eu falei “Não, vá”. Eu gosto tanto dele que eu não tenho frescura com isso, sabe? Que eu não ia fazer confusão que era para eu ir e quem acabou indo foi ele. E acabou que ele foi para Macau, pra China. É uma península portuguesa, passaram quinze dias lá.

H.G. – Quem é mesmo?

E.S. – Marcos Antônio<sup>24</sup>, lá de Garanhuns, ele do clube Bingo Corridas. Então assim, foram três vezes: fui para Caracas, Venezuela fui em 2013, para uma maratona, a dois anos atrás quando minha mãe faleceu fui para sul-americana de maratona e depois. Ibero e agora estou prestes a ser convocado para meia-maratona, estou esperando fechar o ciclo que estou sabendo que vão ser quatro atletas por país, estou só esperando a definição.

H.G. – O que a APA Petrolina representa para você? E qual a contribuição para sua vida pessoal e profissional?

---

<sup>22</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>23</sup> Evelin Caroline.

<sup>24</sup> Nome sujeito a confirmação.

E.S.– NA realidade a APA é minha segunda casa. Ela proporcionou e proporciona para mim muitas coisas especiais. Na vida de todo atleta, ele precisa superar seus limites, ter autonomia própria e seus bens materiais como todo atleta pretende ter. Como pai de família, lutei sempre para ter uma casa própria. Hoje eu tenho minha casa própria, tenho meu carro, tenho minha chácara, tenho um terreno praticamente no centro da cidade de Juazeiro.... Ela na realidade mudou minha vida. Não só ela, mas com o meu técnico, de orientar, de mostrar onde seria necessário gastar o dinheiro. Porque as vezes o atleta ganha tanto dinheiro que não sabe onde gastar. É como se fosse uma família, a APA, porque vejo um ajudando o outro, um dando conselho ao outro, sabe? Mudou a minha vida e continua mudando a cada dia que passa. Quando eu falo que vou treinar, que vou encontrar com o grupo, é como se tivesse indo encontrar minha família. A gente passa muito tempo longe, por exemplo: Justino passou quinze dias fora de casa, quando ele voltou eu disse para ele “Rapaz, tava como saudade já”, para você ver como nós somos unidos, como os atletas são unidos. A preocupação de um com o outro. As vezes um está doente e o outro pergunta: “Ei e aí, tá melhor?”. Então é assim, são coisas que a gente tenta descrever, mas não consegue, porque tudo que a gente fala é pouco para descrever tudo o que ela fez e está fazendo, não só por mim, mas por outros atletas.

H.G. – Você gostaria de completar a entrevista com mais alguma coisa?

E.S. – Rapaz, eu só queria agradecer a vocês por esse trabalho, por estar buscando informações completas dos atletas e que a gente se sente satisfeito em participar e falar um pouco, porque é raro a gente encontrar pessoas que queira fazer um trabalho em cima de pessoas que possam contar a sua história, o que se passou, o que se passa, o que está acontecendo, a visão daqui a um, dois anos. A gente fica feliz quanto a isso. Eu só tenho que agradecer.

[FINAL DA ENTREVISTA]